

## VILLON, (MAIS) UMA TRADUÇÃO

*Ivone C. Benedetti*

Mort, j'appelle de ta rigueur,  
Qui m'as ma maitresse ravie,  
Et n'es pas encore assouvie  
Se tu ne me tiens en langueur  
Onc puis n'eus force ne vigueur ;  
Mais que te nuysoit elle en vie,  
Mort ?  
Deux estions et n'avions qu'ung cuer  
S'il est mort, force est que devie,  
Voire, ou que je vive sans vie  
Comme les images, par cuer,  
Mort !

Traduzir Villon sempre me pareceu temeridade. Não tanto por ser ele especialmente difícil (e acho que é), mas por ter sido tão traduzido. Ora, é sempre preocupante saber que há parâmetros de comparação. Mesmo assim resolvi traduzir um pouco de Villon. Talvez pelo comichão de enfrentar desafios. Mas enfrentar nem sempre significa vencer, e o poema escolhido apresenta dificuldades quase insuperáveis.

Trata-se de um dos "legados" de Villon.

BENEDETTI, Ivone. Villon, (mais) uma tradução.

Na primeira estrofe o poeta interpela a morte, fazendo um apelo ao seu excessivo rigor: ela roubou-lhe a amada e, não contente, mantém o poeta em estado de prostração, sem força nem vigor. Repentinamente, essa linha de pensamento é interrompida por uma interrogação: por acaso a vida de sua amada era prejudicial ou ofensiva à morte? A segunda estrofe se abre com um tópico bastante freqüente na poesia medievista: o *do* – digamos – “compartilhamento do coração” pelos dois enamorados. Eles eram dois, mas o coração era um só. O coração morreu, logo seria mister que o poeta morresse também. Não morreu, portanto vive, mas sem vida, como as imagens, de cor.

São três as palavras-chave desse *lai*: morte, vida, coração. Os versos são octossílabos (como era de praxe nesse tipo de composição), e as rimas têm a distribuição

a  
b  
b  
a  
a  
b  
e  
a  
b  
b  
a

com a presença da palavra *mort* (morte) em posição de destaque no começo da primeira estrofe e em dois verdadeiros refrões, postos no final do corpo principal das duas estrofes.

Também têm destaque as palavras *coração* e *vida*: elas dão o “tom” das rimas *a* (*coeur*) e *b* (*vie*). Funcionam como verdadeiras “tônicas” no sentido musical (“*vie*” finaliza a primeira estrofe; “*coeur*” finaliza a segunda), diante das quais as outras rimas parecem funcionar como “dominantes”. O acorde final de cada estrofe é completado pela palavra “*mort*”, que parece conseguir formar um intervalo harmônico com “*vie*” e “*coeur*”. Atente-se para o fato de que esse “intervalo”, no fim da primeira estrofe, seria de oitava:

Mais que te nuysoit elle en vie?

Mort?

Essa oposição antitética entre o fim do último verso (*vie* – *vida*) e a enunciação do “refrão” (*mort* - *morte*) parece-me fundamental, devendo, a meu ver, ser preservada a qualquer custo.

Se, na “manipulação” das palavras-chave para a construção do arcabouço silábico-rítmico-rímico, o par *vie-vida* não pode ser considerado problemático, o mesmo não se pode dizer de *coeur-coração*. Qualquer tradutor de poesia francesa (e, acrescentaria eu, inglesa) sabe o que significa estar diante de uma palavra monossilábica e precisar traduzi-la por uma trissilábica aguda (oxítone), que é *coração*. Num caso como esses, em que o seu papel é tão importante, não há como substituí-la. Estamos diante de um fato implacável que pode levar à desistência. Não desisti, mas vi-me na contingência de criar um poema com a tão estigmatizada rima em “-ão”; espero que, diante das ponderações acima, esse pecado seja perdoado.

Mais complicado fica o quadro quando o poeta resolve fazer jogo de palavras: ele vive sem *coração* (*coeur*), .como as imagens, de cor (*par coeur*). Pois bem, todos sabemos que na locução portuguesa “de

BENEDETTI, Ivone. Villon, (mais) uma tradução.

cor" subsiste, etimologicamente, a palavra "coração". Mas trata-se de uma etimologia opaca: já não há significante comum para dois significados diferentes. A tradução literal poria a perder a correlação estabelecida no original. Não sei se a solução que encontrei é a única nem se a melhor; sei que é uma solução. Caberá ao leitor julgá-la. Que ele tente ler o último verso de três maneiras: "Imagem só de coração", "Imagem, só decoração" e "Imagem só, decoração".

Morte, interponho apelação  
Ao teu rigor: minha querida  
Arrebataste, e mais envidas,  
Pois me manténs em consunção,  
Sem mais vigor nem nutrição.  
Que te lesava ela em vida?  
Morte?  
Éramos dois, um coração.  
Ele morreu, morte é devida  
A mim! Ou viva eu sem vida,  
Imagem só, decoração,  
Mortel

## Um rondel de Charles d'Orléans

Charles d'Orléans foi contemporâneo de Villon. Ao contrário deste, era nobre. Pertencia à casa real, mas não teve vida fácil. Era filho de Luís, duque de Orléans, irmão do rei Carlos VI. Em decorrência do assassinato de seu pai pelos sicários de João sem Medo, na busca de

vingança acabou por enredar-se, ainda jovem, numa série de situações de insídia para as quais nunca pareceu moldado. Entre intrigas palacianas e confrontos armados, no desenrolar da chamada Guerra dos Cem Anos, é aprisionado pelos ingleses no rescaldo de uma batalha desastrosa. Levado para a Inglaterra como refém em 1415, só será libertado em 1441, em troca de alto resgate. Voltando à França, consegue reaver posições e bens e passa a mediar a paz entre a França e a Inglaterra. Vai morar em Blois, onde falece em janeiro de 1465.

Contrariando as expectativas de qualquer leitor moderno, nada dessas conturbações políticas e pessoais aparece em sua criação literária. Para entender essa ausência, é preciso conhecer os cânones da poética medireview que, segundo palavras de Paul Zumthor, “escapa aos determinismos da experiência, pondo em seu lugar um modo de existência diferente. [...] O poema medireview não é constituído (como, normalmente, o poema moderno) por uma seqüência de imagens suscitadas à medida que o verso se desenvolve, mas procede de uma translação, única e definitiva, que já nas primeiras sílabas projeta todo o discurso num plano imaginário fixado pela tradição.”<sup>1</sup> Esse plano imaginário é em grande parte pautado pela alegoria e, no caso de Charles d’Orléans, por um tipo específico de alegoria: a personificação.

O poema traduzido é apenas um exemplo desse procedimento.

Trata-se de um rondel, forma fixa de duas quadras e uma quintilha com apenas duas rimas, em que os dois últimos versos da segunda quadra são iguais aos dois primeiros da primeira, e o primeiro desta é o último da quintilha.

Pourquoy moy, plus que les autres ne font,  
Doy je porter de Fortune l’effort ?  
Par tout je vois criant : « Confort, confort ! » ;

BENEDETTI, Ivone. Villon, (mais) uma tradução.

C'est pour nyent, jamais ne me respont.  
Me couvient ils tousjours ou plus parfont  
De Dueil nager, sans venir a bon port !  
Pourquoy moy, [plus que les autres ne font,  
Doy je porter de Fortune l'effort ?]  
J'appelle aussi, et en bas et amont,  
Loyal Espoir, mais je pense qu'il dort,  
Ou je cuide qu'il contrefait le mort ;  
Confort, n'Espoir, je ne sçay ou ilz sont.  
Pourquoy moy, [plus que les autres ne font ?

Por que só eu, mais do que toda gente  
Hei de reter os embates da Sorte?  
Vivo a pedir, Consolo me conforte,  
Mas não responde, e peço inutilmente.  
Sempre me cabe em profundas correntes  
Da Dor nadar, sem achar onde aportel  
Por que só eu, mais do que toda gente  
Hei de reter os embates da Sorte?  
Com a Esperança não é diferente:  
Vivo a chamá-la do sul e do norte,  
Dormindo está, ou se finge de morta.  
Ela e Consolo onde estão, finalmente?  
Por que só eu, mais do que toda gente?

1 ZUNTHOR Paul, *Essai de poétique médiévale*, Éditions du Sueil, 2000, pp. 146/147.

Ivone C. Benedetti é tradutora profissional de ciências humanas. Atualmente faz mestrado na área de tradução poética; seu tema é o poeta medieval francês Charles d'Orléans.